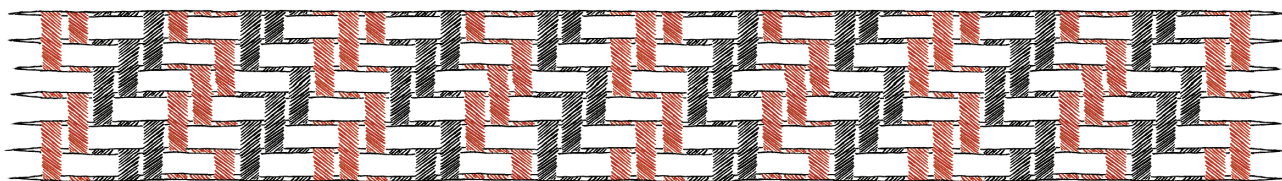


# A coleção etnográfica de Johann Natterer e a política de representação do Museu Etnológico de Viena: sobre os limites do discurso museológico

**Christiano Key Tambascia**

christambasci @ yahoo.com.br

Pesquisador colaborador do Departamento de Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas



*Jenseits von Brasilien [Além do Brasil], inaugurada por ocasião do 54º. Congresso dos Americanistas, realizado em Viena, em julho de 2012.*

Em 1822, durante o processo de independência do Brasil, Leopoldina, então regente, passou a ocupar um lugar dos mais lembrados na historiografia do país. Entretanto, em 1817, ano de seu casamento com dom Pedro, príncipe herdeiro de Portugal e Brasil, já havia exercido um papel importante na viagem de um grupo de naturalistas austríacos, bem como na formação de uma das mais espetaculares coleções etnográficas de objetos ameríndios da primeira metade do século XIX.

Segunda filha do segundo casamento de Francisco de Habsburgo-Lorena, o último imperador do Sacro Império Romano-Germânico e primeiro imperador da Áustria, Leopoldina teve em sua comitiva, quando de sua ida ao Brasil, alguns cientistas financiados pelo pai: entre eles Johann von Spix (1781-1826) e Carl Friedrich von Martius (1794-1868), personagens cruciais para os estudos de cultura material e da história da etnografia brasileira. Entretanto, é a coleção formada por Johann Natterer (1787-1843), zoólogo da expedição – que permaneceu por 18 anos nas Américas –, que hoje constitui um dos mais importantes acervos etnográficos do período – e relativamente pouco celebrado.

O trabalho de Natterer, assim como o de seus colegas mais conhecidos, pode ser considerado exemplar do fazer científico do século XIX, praticado até meados do século passado: a perspectiva de um catálogo totalizante de informações novas ao público europeu, que integrava a coleta de objetos

etnográficos e naturais (sua coleção entomológica, por exemplo, é uma das maiores da Europa). Algumas facetas dessa perspectiva podem ser entrevistas na exposição *Jenseits von Brasilien* [Além do Brasil], inaugurada por ocasião do 54º. Congresso dos Americanistas, realizado em Viena, em julho de 2012. Ao lado dos artefatos etnográficos, alguns espécimes de insetos parecem não apenas dar testemunho dessa empreitada totalizante, como também fornecer uma ideia de “atmosfera” oitocentista.

Trata-se de uma estratégia expositiva bastante conhecida na prática museológica, e alguns dos principais museus etnográficos europeus têm investido na ambientação – sons, luzes – de algumas de suas exposições temáticas. Procura-se, com isso, proporcionar uma experiência sensorial e guiar o visitante por meio de recursos audiovisuais, construindo uma espécie de metonímia da expedição que constituiu seu acervo. Na mostra *Jenseits von Brasilien* há um sentido lógico e orientado ao qual o visitante dificilmente pode escapar, acompanhando a narrativa das aventuras de Natterer no Brasil (que pode também ser compreendida em um contexto maior na exposição).

A crítica ainda hoje contundente do papel dos museus etnográficos e nacionais europeus na legitimação de um discurso colonialista, feita pela literatura pós-colonial – em especial aquela voltada à história da ciência e preocupada com a importância dos museus naturais no desenvolvimento da moderna antropologia – teve como efeito uma constante preocupação, por parte das administrações e curadorias desses museus, em lidar com seu lugar no complexo colonial. Isso se reflete nas mais variadas tentativas de exprimir um multiculturalismo inclusivo, realizado não sem problemas e desafios constantes (especialmente no contexto da política de migração europeia contemporânea)<sup>1</sup>.

### **A exposição etnográfica de Johann Natterer**

Inaugurada no dia 18 de julho de 2012, no Museu Etnológico de Viena, a exposição tem como objetivo estimular o conhecimento do trabalho de Johann Natterer, e há previsão de trazê-la ao Brasil em 2013. Está exposta uma parte dos mais de dois mil objetos etnográficos coletados por Natterer durante sua estadia no Brasil, e que hoje fazem parte do acervo do Museu<sup>2</sup>. A abertura da exposição também foi marcada pela publicação de um catálogo com ilustrações, fotos e artigos acerca da coleção (AUGUSTAT, 2012).

O trajeto percorrido pelo visitante é feito a meia-luz, quebrada apenas sob as luzes direcionadas aos artefatos, cuja coleção é composta de cestos, utensílios de uso cotidiano, adornos corporais, armas, redes. A maior parte dos objetos está protegida por vidros, à exceção de alguns utensílios contemporâneos não coletados por Natterer. Da enorme coleção formada pelo austríaco, apenas uma pequena parte é exposta, o que faz com que a visita seja relativamente breve, sem que haja um excesso de informações que possa tornar a experiência cansativa. Também é importante destacar que, embora haja painéis com alguns dados etnográficos acerca dos artefatos, bem como dos grupos representados, eles muitas vezes ficam fora do foco das luzes utilizadas. Como muitos dos textos estão apenas em alemão, esses dois fatores dificultam a leitura do visitante não falante do idioma. Embora haja alguns recursos visuais (como barracas de exploração e fotografias panorâmicas nas paredes) para auxiliar na ambientação, estes são mínimos, revelando como foco principal da mostra os artefatos etnográficos do acervo Natterer.

Ambientada em um belíssimo edifício, a exposição conta com alguns objetos de extraordinária beleza, como alguns artefatos Yanomami<sup>3</sup>, em uma das últimas salas dedicadas ao evento. Esses objetos dão um desfecho para a lógica narrativa produzida ao longo da visita. Afinal, na sala anterior o visitante depara com objetos “tradicionais” misturados a “modernos”: uma panela de barro com tampa de alumínio, uma camiseta de algodão produzida industrialmente junto a redes trançadas manualmente. Um dos textos elaborados pela curadoria, apresentado nesse ambiente, alerta sobre os problemas enfrentados pelos grupos indígenas brasileiros contemporâneos, exemplificados na pauperização Yanomami: a luta pela demarcação de terras e pela garantia dos direitos assegurados pelo governo brasileiro, bem como os conflitos com garimpeiros. Dessa maneira, fica clara a tarefa autoatribuída pelo Museu Etnológico de Viena (e podemos supor que ela se estenda a outros museus europeus, uma vez que o Museu se insere em um campo institucional mais amplo): contribuir para a preservação e a visibilidade das culturas indígenas (não apenas para sua preservação física, como nos informam).

É preciso lembrar que as histórias dos conflitos entre fazendeiros e índios têm circulado internacionalmente. O drama do suicídio Guarani, lembrado no texto da exposição, acima mencionado, para exemplificar alguns desses desafios, é retratado em filmes em festivais internacionais; o papel de organizações não governamentais de assistência é conhecido pela curadoria dos museus. Dessa forma, importa ressaltar os fatores políticos contemporâneos, mas também apontar os pressupostos envolvidos na política da representação, até mesmo a crítica em relação aos abusos dos povos indígenas.

De fato, a narrativa da expedição de Natterer no Brasil é englobada num discurso mais amplo: o do papel dos museus na descrição, preservação e disseminação de conhecimento sobre as culturas “em risco”. A perspectiva, talvez um tanto problemática, é explicitamente salvacionista – uma medida que visa a preservar, resgatar e manter a cultura dos povos ameríndios. O espectador chega a essa impressão acerca do “estado atual” indígena após ser apresentado a fragmentos de informações sobre algumas etnias (visitadas ou não por Natterer): Bororo, Makuxi, Ticuna, Munduruku, povos Caribe das Guianas, Xavante, Krahó. Mas também a uma história da expedição austríaca no Brasil, complementada por indícios da história da representação europeia do Novo Mundo. Textos que contextualizam a viagem de Natterer são contrapostos a uma edição de *Viagem pelo Brasil*, oriundo da expedição de Spix e von Martius; a informações sobre outro membro da jornada, Johann Pohl (1782-1834), responsável por trazer a Viena dois índios “botocudos”; mas também a gravuras de Jean-Baptiste Debret (1768-1848), que visitara o Brasil alguns anos antes; e ainda a fotografias tiradas mais de um século depois por Harald Schultz (1909-1966).

O que é apresentado, sem grande preocupação cronológica, ou nem mesmo com a história da missão austríaca no Brasil, é uma representação sobre o contato como parte incontornável do processo que permite a compreensão das culturas ameríndias – material e imaterial – que, mesmo histórica, não deixa de ser congelada em um tempo indeterminado. Não é por acaso que, justapostos a essas coleções etnológicas variadas, alguns exemplares dos utensílios dos colonizadores portugueses também são expostos. O visitante é envolvido por visões fragmentadas da empreitada colonizadora e das primeiras tentativas de compreender e controlar sociedades desconhecidas aos europeus. Não há uma tentativa de apresentar os grupos retratados de forma mais completa, nem de discutir a história da expedição austríaca: tais elementos são apenas capítulos de uma narrativa mais geral, referente à empreitada etnológica dos últimos dois séculos.

Informações sobre as cerimônias Munduruku de caça de cabeças são sucedidas por cartas de Natterer; fotografias de índios Krahó parecem fornecer uma imagem genérica dos povos representados, fortalecida pela exposição de objetos estrategicamente dispostos, com grandes panorâmicas da flora brasileira ao fundo e exemplos da fauna amazônica encontrada por Natterer e seus contemporâneos. Entretanto, o que poderia ser extremamente instigante – uma crítica aos modos “legitimados” de representar historicamente os povos ameríndios – perde-se devido à perspectiva salvacionista que dá o tom da visita. A visão naturalista e disciplinadora dos primeiros etnógrafos e viajantes agora é retomada pelo museu contemporâneo, produtor de um grande discurso totalizador, que não problematiza as concepções congeladas de autenticidade. Isso se torna claro na apresentação de artefatos considerados tradicionais e modernos no uso cotidiano, ao lado da denúncia dos desafios atuais dos povos indígenas e sua “perda cultural”.

Em parte, os novos significados adquiridos pelos objetos da coleção Natterer, transladados para o continente europeu, devem-se à própria história do acervo, formada também por adições e trocas com outras instituições e colecionadores, posteriores à permanência do austríaco no Brasil. Esses novos significados, referentes a “noções estéticas e científicas” europeias oitocentistas, foram, por sua vez, atualizados pela presente exposição, mais voltada à preocupação etnográfica do que à ênfase naturalista. O caráter contextual mais geral da exposição, entretanto, é mantido com os objetos não ameríndios.

Não obstante, individualmente os artefatos etnográficos, as fotografias e as edições de livros raros e gravuras importantes na história da etnologia brasileira, a despeito do conjunto narrativo, sobressaem e fascinam. Cabe ao visitante contrapor sua própria interpretação do processo que trouxe tais objetos para o acervo do museu às perspectivas da curadoria. Trata-se, fundamentalmente, de uma oportunidade para refletir sobre uma questão crucial trazida pela antropologia contemporânea: a possibilidade de uma crítica das políticas de representação que não exclua, de antemão, a riqueza do material em que se assentam tais interpretações.

Há que destacar, brevemente, alguns dos posicionamentos heurísticos sobre representações, a fim de exemplificar a questão. A obra de James Clifford, inserida em uma antropologia reflexiva que marcou as últimas décadas do século passado, traz algumas interessantes e talvez inevitáveis considerações acerca dos problemas na interpretação da alteridade na disciplina. Resumidamente, a questão pós-colonial da autoridade etnográfica – exemplificada mais claramente no texto etnográfico moderno, com os recursos do discurso indireto livre e o presentismo etnográfico – colocou em xeque um velho problema antropológico: o da tradução (CLIFFORD, 1998). Como é possível que uma disciplina que se notabilizou, desde sua constituição no final do século XIX, por buscar modos de compreender e comunicar as formas particulares de estar e viver no mundo das outrora chamadas sociedades “primitivas”, possa realizar essa tarefa junto aos leitores<sup>4</sup>? Talvez não tenhamos que partilhar da opinião de Marilyn Strathern (1987), de que é impossível voltar a uma época em que a antropologia tinha certeza de que observava e descrevia a realidade social tal como ela realmente era. Mas apontar limites para a chamada pós-modernidade não significa tampouco que voltaremos a uma postura objetivista das representações sociais.

Mesmo Clifford, bastante elogioso dos experimentos que tentam comportar a multivocalidade do encontro etnográfico – apagada na autoria monológica da monografia moderna –, parece admitir que existem alguns limites para a democratização da interpretação. Limites que Rabinow (1999) aponta, ao criticar o próprio não posicionamento de Clifford em suas análises.

Opinião partilhada por Strathern, antropóloga britânica treinada na segunda metade do século passado, que, embora concorde com alguns dos alertas feitos durante os anos 1970 e 1980 sobre a autoria e a ficcionalidade do conhecimento antropológico, também não admite que a disciplina da qual faz parte possa abdicar das explicações de sistemas de significação distintos dos referenciais do próprio pesquisador.

O tom de esperança que marca a crítica de Strathern me parece apontar para a possibilidade de, através de um controle das perspectivas que orientam ideias, que têm sentido nos processos sociais em que surgiram, a antropologia possa ser algo mais do que ficção. Ou seja, com uma consciência sobre as próprias perspectivas que orientam uma interpretação acerca do encontro etnográfico multiautoral, bem como admitindo que os demais autores das representações, sedimentadas na monografia de um antropólogo-autor, também constroem suas próprias interpretações sobre os princípios com os quais vivem. Dessa maneira, seria possível admitir que a busca e a tradução de cosmologias e sistemas de organização social distintos não precisam levar o antropólogo a abdicar da ideia de alteridades em relação.

Se os processos que originaram representações (de um antropólogo em sua monografia; de um curador em uma exposição) podem dizer muito sobre elas, isso não significa que não possamos encontrar pistas sobre o processo em si. Seguir a biografia dos artefatos etnográficos (KOPYTOFF, 1986), procurando destrinchar os pontos em que representações sociais são produzidas, permite perceber que existem múltiplas narrativas construídas na forma como estes são expostos e vistos. Seria possível, assim, dizer algo sobre a maneira como conjuntos de objetos foram e são mostrados. Mas também seria possível dizer algo sobre a experiência de reconstrução de significados por parte do público. E, assim, colocar esses objetos numa perspectiva mais ampla, que também inclui os contextos em que foram utilizados, através de nossa própria imaginação sobre tais processos.

Talvez seja a mais duradoura herança pós-colonial, atualmente, a que não nos permite esquecer os impasses e hierarquizações disciplinadoras do período colonial. Mas tal consciência e reflexividade sobre as construções de representações não significam esquecer que estas, tais como outras que as originaram, são fundamentalmente sociais e produzidas por processos históricos. Desvendar um modo de produção de conhecimento na exposição de Johann Natterer é o primeiro passo para compreender por que os objetos expostos ainda intrigam e fascinam. Colares Bororo, máscaras Ticuna, cerâmicas do Rio Negro e botas portuguesas são pistas convincentes de uma história que ainda hoje é constantemente redescoberta. Essa dinâmica de representações (e de representações de representações) poderia dar um novo sentido à dinâmica da vida cultural dos diversos povos ameríndios atualmente. Traduções e interpretações são em algum momento assentadas, mas uma boa dose de desconstrução dessa produção nos revela algo das relações a ela subjacentes. Por si só, a coleção etnográfica do Museu Etnológico de Viena torna a visita à exposição de Natterer uma experiência iluminadora.

## Notas

1. Cf. Price (2007).
2. Acervo em parte oriundo do antigo Museu do Brasil, depois Gabinete Natural Imperial, e, posteriormente, do Museu de História Natural e do Museu de História da Arte de Viena, ao qual o Museu de Etnologia está vinculado, e que receberam os objetos por ocasião do fechamento do Gabinete.
3. Alguns dos artefatos Yanomami provenientes do território venezuelano e que fazem parte do acervo são: um co-car feito de folhas de palmeira, uma peneira trançada para secagem folicular, um canudo de inalação utilizado para o transe por *yopo*, um boneco zoomórfico de folhas de palmeira.
4. Coloco, aqui, o modo como a questão é trazida por Clifford (1998), e até mesmo Clifford Geertz (1988). Por leitores, tenho em mente a ampla gama de possibilidades que a antropologia reflexiva aplica ao termo: o público não especialista, mas que partilha de um sistema de significados com o antropólogo, exemplificado na audiência das palestras de Frazer; a comunidade de antropólogos, especialmente na geração pós-Malinowski; ou até mesmo os próprios sujeitos oriundos daquela “sociedade descrita pelo antropólogo”.

### Referências bibliográficas

- AUGUSTAT, Claudia (org.). *Além do Brasil: Johann Natterer e as coleções etnográficas da expedição austríaca de 1817 a 1835 ao Brasil*. Catálogo da exposição do Museum für Volkerkunde, Viena. Viena, 2012.
- CLIFFORD, James. Sobre a Autoridade Etnográfica. In \_\_\_\_\_. *A Experiência Etnográfica: Antropologia e Literatura no Século XX*. Organização José Reginaldo Santos Gonçalves. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.
- GEERTZ, Clifford. *Works and Lives: The Anthropologist as Author*. Stanford: Stanford University Press, 1988.
- KOPYTOFF, Igor. The Cultural Biography of Things: Commoditization as Process. In: APPADURAI, Arjun (ed.). *The Social Life of Things: Commodities in Cultural Perspective*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- PRICE, Sally. *Paris Primitive: Jacques Chirac's Museum on the Quai Branly*. Chicago: The University of Chicago Press, 2007.
- RABINOW, Paul. Representações são Fatos Sociais: Modernidade e Pós-Modernidade na Antropologia. In: \_\_\_\_\_. *Antropologia da Razão*. Organização João Guilherme Biehl. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.
- STRATHERN, Marilyn. Out of Context: The Persuasive Fictions of Anthropology. *Current Anthropology*, vol. 28, n. 4, 1987.

Recebido para publicação em 30 de Setembro de 2012

Aprovado para publicação em 25 de Novembro de 2012

